

CRÔNICAS IBÉRICAS DE CAVALEIROS: ESCRITA, CULTURA E PODER NO SÉCULO XV

IBERIAN CHRONICLES OF KNIGHTS: WRITING, CULTURE AND POWER IN THE 15TH CENTURY

Marcella Lopes Guimarães¹
Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este artigo volta-se às crônicas medievais protagonizadas por indivíduos ilustres em Portugal e em Castela, cavaleiros partícipes do mesmo contexto histórico, para analisar a representação que eles mesmos ou suas Casas deram a conhecer sobre a sua trajetória. As fontes principais que orientam o texto são *El Victorial Crónica de Don Pero Nino, conde de Buelna*, de Gutierre Díez de Games, e a *Crónica do Condestabre de Portugal, Nun'Álvares Pereira*, anônima, ambas redigidas na 1ª metade do século XV. Como contraponto às individualidades representadas nos documentos, busquei a *Crônica de D. Fernando* de Fernão Lopes, sobretudo sua narração da trajetória do infante João de Castro, a fim de perceber a feição multiforme da cavalaria tardo-medieval ibérica. O artigo exemplifica uma das direções de investigação incluídas no Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR) e na Linha de Pesquisa "Cultura e Poder", a saber, a articulação entre narrativa e poder no contexto medieval.

Palavras-chaves: crônicas medievais, Península Ibérica, cavaleiros.

Abstract: This article looks to the medieval chronicles starred by illustrious individuals in Portugal and Castile, knights who were participants of the same historical context, in order to analyze the representation they or their houses made possible to know about their trajectory. The main sources that have guided this text are *El Victorial Crónica de Don Pero Nino, conde de Buelna*, of Gutierre Díez de Games, and the *Crónica do Condestabre de Portugal, Nun'Álvares Pereira*, anonymous, both written in the 1st half of the XV century. As a counterpoint to the individualities represented in these documents, I also investigated the *Crônica de D. Fernando*, of Fernão Lopes, principally his narration of the trajectory of the infant João de Castro, aiming to perceive the multiform feature of the late medieval Iberian chivalry. This article exemplifies one of the directions of research included in the *Núcleo de Estudos Mediterrânicos* (NEMED / UFPR) and in the Line of Research "Culture and Power", that is, the articulation between narrative and power in the medieval context.

Keywords: medieval chronicles, Iberian Peninsula, knights.

Recebido em: 10/04/2013

Aprovado em: 07/06/2013

¹ E-mail: marcella974@gmail.com

Prolegômenos

Nos últimos anos tenho trabalhado a partir da sugestão feita pelo Professor Ladero Quesada que, em 2000, diagnosticava:

Para la Baja Edad Media, desde el último cuarto del siglo XIII, sería más preciso todavía contar con planes de conjunto, que faltan, e interrelacionar la investigación que se hace sobre los diversos reinos: mientras tanto, las investigaciones, que a veces son de gran tamaño, llenan o vacíos, que son muchos, o atienden a conmemoraciones, pero se observa cierta disgregación o desintegración de los trabajos, de modo que nuestras explicaciones globales no difieren mucho de las que estaban vigentes a finales de los años sesenta, a pesar de la masa de materiales y trabajos acumulada².

Assim, desde minha tese de doutoramento, defendida em 2004³, até a investigação que ora desenvolvo, sigo em busca de uma compreensão mais abrangente da Península Ibérica tardo-medieval, a partir de fontes narrativas muito especiais, as crônicas. Meu trabalho tem priorizado as crônicas régias de Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala, mas, desde 2009, ampliei recorte e universo documental para compreender a transformação da crônica ibérica entre os séculos XIII e XV. Do ponto de vista teórico-conceitual, minhas investigações encontram respostas parti-

² LADERO QUESADA, "Historia institucional y política de la Península Ibérica en la Edad Media (La investigación en la década de los 90)" in *En la España Medieval* (23). Madrid: Servicio de Publicaciones Universidade Complutense de Madrid, 2000. p.481.

Para que não se fique com a visão de que também há uma aridez completa nos estudos que pretendem traçar um perfil da representação das crônicas tardo-medievais, cito dois textos que têm essa perspectiva: MARQUÉS DE LOZOYA, "El cronista don Pero Lopez de Ayala y la Historiografía portuguesa" in *Boletín de la Real Academia de la Historia* de 1933 e o livro de Manuel Rodrigues Lapa: *Froissart e Fernão Lopes*, Lisboa, de 1930. Pelas datas dos dois textos, é possível averiguar, entretanto, o quanto se deve rever e avançar na perspectiva do diálogo entre os cronistas medievais.

Destaco, porém, que no Brasil dissertações e teses, realizadas a partir dessa perspectiva, vêm sendo defendidas. Dentre elas, as dissertações de Ana Carolina Delgado Vieira, "*Como he doce cousa reinar*": a construção de uma dinastia sob a ótica de Fernão Lopes, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da USP, e a de Danielle Oliveira Mércuri, *A Sacralidade das realezas castelhana e portuguesa nos relatos cronísticos ibéricos dos séculos XIV e XV*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNESP (Franca), ambas defendidas em 2011.

³ GUIMARÃES, Marcella L. *Estudo das representações de monarca nas crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV). O espelho do rei: "- Decifra-me e te devoro"*. Tese de doutoramento em História defendida no dia 22 de abril de 2004 nas dependências da UFPR, Curitiba (PR). 274 p.

cularmente no universo de reflexões proposto por Jörn Rüsen⁴ e Paul Ricoeur⁵, mas que se nutrem também das pesquisas mais específicas sobre a realidade tar-do-medieval, empreendidas por colegas das áreas de História e Literatura: do CONICET/Buenos Aires, Leonardo Funes⁶; em Portugal, Teresa Amado⁷ e João Gouveia Monteiro⁸, e no Brasil: Susani França⁹, Maria do Amparo Maleval¹⁰ e Fátima Regina Fernandes¹¹, dentre outros colegas com quem venho dialogando nos últimos 10 anos.

Este artigo reflete a respeito de formas de representação da cavalaria em textos que promoveram seus protagonistas, portanto fontes voluntárias de reputação. Ora, eles escrevem as verdades autorizadas e por isso enunciam um universo de preferências que afirma mais que o sucedido, o desejado em um contexto em que, como já afirmou Eric Auerbach: “houve um realismo sério; tinha sido possível representar os acontecimentos mais corriqueiros da realidade num contexto sério e significativo”¹².

As fontes principais que orientam o texto são *El Victorial Crónica de Don Pero Nino, conde de Buelna*, de Gutierre Díez de Games¹³ e a *Crónica do Condestabre de*

⁴ RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

⁵ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). Campinas (SP) : Papyrus, 1994.

⁶ FUNES, Leonardo. “Elementos para una poética del relato histórico” in Amaia Arizaleta (éd.). *Poétique de la chronique. L’écriture des textes historiographiques au Moyen Âge (péninsule Ibérique et France)*. Toulouse – Le Mirail, Université, 2008; FUNES, Leonardo. “La crónica como hecho ideológico: el caso de la *Estoria de Espanã* de Alfonso X” in *La Corónica*. 32.3 (2004).

⁷ AMADO, Teresa. *Fernão Lopes – contador de História, sobre a Crónica de D. João I*. Lisboa: Estampa, 1997.

⁸ Dentre tantas obras e artigos que tenho consultado, destaco MONTEIRO, João Gouveia. *Fernão Lopes – Texto e contexto*. Coimbra: Livraria Minerva, 1988 e MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota (1385) – a batalha real*. Lisboa: Tribuna da História, 2003.

⁹ FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os reinos dos cronistas medievais (século XV)*. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2006.

¹⁰ MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*. Niterói: Editora da UFF, 2010.

¹¹ Sobretudo sua obra: FERNANDES, F. R. *Sociedade e poder na baixa idade média portuguesa. Dos Azevedo aos Vilhena: as famílias da nobreza medieval portuguesa*. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

¹² AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.500.

¹³ DIEZ DE GAMES, Gutierre. *El Victorial Crónica de Don Pero Nino, conde de Buelna*. Edición y estudio por Juan de Mata Carriazo. Madrid: Espasa-Calpe, 1940. A partir de agora, CPN.

*Portugal, Nun'Álvares Pereira*¹⁴, anônima, ambas redigidas na 1ª metade do século XV, a primeira conheceu uma redação da primeira década do quatrocentos, mas depois haveria de incluir informações de até 1448¹⁵, e a segunda, não ultrapassaria 1440¹⁶. Como contraponto às individualidades representadas nesses documentos, busquei a *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes, sobretudo a narração da trajetória do infante João de Castro. Sobre *El Victorial*, é preciso afirmar que, apesar do desejo do protagonista, manifesto em seu primeiro testamento, de guardar seus feitos para quem quisesse ler, para além de sua linhagem¹⁷, a crônica quedou-se ensombrada por séculos, só merecendo uma edição integral em castelhano no século XX. Ela escreve a biografia de um nobre cavaleiro e está repleta de exemplos da arte e do ofício da cavalaria, história e doutrina, que não se podem separar¹⁸. Foi dividida em três partes por seu próprio autor: a infância e primeira aprendizagem da cavalaria de Pero Niño (1378-1453) até seu casamento com D. Constança de Guevara; a segunda, as aventuras no mar e a terceira, de regresso a Castela, traz à cena os amores de Pero Niño e D. Beatriz de Portugal, neta de Pedro I de Portugal e Inês de Castro¹⁹. Gutierre Díez de Games dá mais informações sobre a sua condição do que estamos acostumados a ter sobre os cronistas medievais, pois afirma que viveu sob a proteção do conde Pero Niño, que tinha mesmo a tarefa de guardar a sua bandeira e que foi testemunha dos eventos escritos no texto de sua autoria, ainda que se utilize também de outras fontes.

Por ocasião do 2º testamento de Pero Niño, não se evoca mais o livro ou seu autor, talvez este já estivesse morto, mas sabemos, pelo que afirmou e como o fez no texto de sua autoria, que soube por fontes privilegiadas de eventos ligados ao regicídio que encerrou a dinastia castelhana de Borgonha, suas conseqüências, como a defesa heróica de Carmona; as derrotas de D. Juan I, sobre quem emite considerações no tom de Pero Lopez Ayala, “Don Juan el Católico sin bentura, que fué muy buen cristino, mas sempre hera benzido él o los suyos de sus henemi-

¹⁴ CHRONICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL DOM NUNO ALVAREZ PEREIRA. Com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios. Coimbra: França Amado, 1911. A partir de agora, CC.

¹⁵ CPN, “estudio preliminar”, p. LXXIX.

¹⁶ AMADO, Teresa. “Crónica do condestabre” in LANCIANI, G., TAVANI, G. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (2ª ed.). Caminho: Lisboa, 2000. p.186.

¹⁷ CPN, “estudio preliminar”, p. XIII.

¹⁸ Idem, p.XVIII.

¹⁹ Idem, p.XXII e XIII.

gos²⁰; o reinado forte do enfermo Henrique III, irmão de leite de Niño; as dificuldades do reinado de D. Juan II, o poder de D. Álvaro de Luna, “que nunca jamás fué hombre em Castilla, que rey no fuese, que gobernase tanto”²¹ e muitos outros eventos e considerações extra-ibéricas.

Sobre a *Crónica do Condestabre*, Teresa Amado²² e António José Saraiva²³ compreendem o texto como exemplo de crônica biográfica senhorial, anterior à produção que grassaria na corte de Afonso V (1438-1481) com os dois textos dessa natureza de Gomes Eanes de Zurara²⁴ (1415-1474) e com o de Frei João Álvares²⁵ (1407-1490). Assim, enquanto Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala escreveram sobre reis e balizaram suas narrativas pelos reinados de seus protagonistas, incluindo a narração de uma série de acontecimentos às vezes não diretamente ligados ao monarca em evidência, na *Crónica do Condestabre*, as balizas temporais, mais diluídas que em Fernão Lopes, pouco ultrapassam o tempo da vida do personagem (1360-1431), já morto quando o cronista escreve. Aliás, essa circunstância também é atestada por Fernão Lopes quando afirma que, enquanto viveu, Nun’Álvares não conheceu um relato que o singularizasse. Segundo Teresa Amado,

a versão mais antiga hoje conhecida é a de uma edição impressa em Lisboa em 1526, certamente *princeps*, que apresenta um texto bastante correto e o propósito explícito no frontispício de recordar o Condestável como ‘princiador’ da Casa de Bragança e o homem de que ‘procedem agora o emperador e em todos os reinos de cristãos de Europa ou os reis ou as rainhas deles ou ambos’²⁶.

Sobre a autoria da *Crónica do Condestabre*, conjectura-se tratar-se “de um cavaleiro clérigo alheio à corte, pertencente a uma ordem militar”²⁷. Ainda que as

²⁰ CPN, p.26.

²¹ CPN, p.325.

²² AMADO, Teresa. “Crônica do Condestabre” in LANCIANI, G., TAVANI, G. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* p.186 a 188.

²³ SARAIVA, A.J., LOPES, Ó. *História da Literatura Portuguesa*. 16ª ed. Porto: Porto, s/d. p. 142.

²⁴ *Crônica do Conde Pedro de Meneses e a Crônica do Conde D. Duarte de Meneses*.

²⁵ *Crônica do Infante Santo*.

²⁶ AMADO, Teresa. “Crônica do Condestabre” in LANCIANI, G., TAVANI, G. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* p.186 e 187.

²⁷ AMADO, Teresa. “Crônica do Condestabre” ..., p.187.

batalhas devessem no texto ter um grande peso, afinal, trata-se de uma crônica que exalta um homem de armas (!), o cronista celebra mesmo as maneiras do condestável²⁸ para além da sua vocação mais impactante para a História de Portugal. Muitos desses dados são incorporados por Fernão Lopes, porque eles se misturam com importantes acontecimentos do alçamento do Mestre de Avis à condição de rei, sem que isso signifique necessariamente a compilação do anônimo.

Sobre Fernão Lopes, o que já não foi escrito e o quanto ainda falta a sê-lo?... Entre 1385 e 1460, tempo aproximado de sua vida, Portugal atravessou duas graves crises, a de 1383-1385 e a de Alfarrobeira (1449). A primeira alçou o hesitante Mestre de Avis à condição de rei de Portugal, contra o testamento do rei D. Fernando (1367-1383), contra a legitimidade de D. Beatriz, sua filha, e contra o carisma do infante D. João de Castro. Sobre essa primeira crise que acarretou uma cisão dinástica, Fernão Lopes leu e ouviu contar. Depois da morte de D. Duarte (1433-1438), monarca que o nomeou para o cargo de cronista, ele continuou a obter favor na corte do regente, D. Pedro, Duque de Coimbra, e certamente viu as manobras que cercaram o afastamento da rainha D. Leonor dessa regência e da criação do filho, o futuro rei Afonso V (1448-1481)²⁹. O português Fernão Lopes veio ainda da vila³⁰, foi tabelião, de um grupo privilegiado, os tabeliães gerais³¹. Foi escrivão da puridade do infante santo D. Fernando, além de guarda-mor da Torre do Tombo e cronista, mas terminou seus dias como Vassalo del-rei³². Nasceu na cidade, na cidade apareceu, todavia se fez na corte, escreveu em ambiente cortesão para o público cortesão.

²⁸ Sobre o Condestável, destaco o artigo de Fátima Regina Fernandes: "A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira" in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaca, Batalha, 2009. V. I. Também evoco o texto de Maria do Amparo Maleval, sobre o cavaleiro, intitulado *Ainda sobre Nun' Álvares Pereira e o ideal de Cavalaria*, apresentado no Congresso Internacional sobre matéria cavaleiresca, entre 9 e 10 de maio de 2011, na USP: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/441-454.pdf> (acesso em 3 de junho de 2013).

²⁹ Segundo Oliveira Marques, Fernão Lopes trabalhava na primeira parte da *Crônica de D. João I* em 1443. OLIVEIRA MARQUES, A. H. *Ensaios de historiografia portuguesa*. Lisboa: Palas Editores, 1988. p.96.

³⁰ Segundo António José Saraiva: "No castelo residem os senhores e os homens da guerra; na vila, que é o aglomerado constituído à volta do castelo, os cidadãos e o povo miúdo. A atenção do cronista vai toda para o que se passa e se diz na vila, para os ajuntamentos dos vilões, os seus comentários, as suas resoluções." in *Para a História da Cultura em Portugal*. V. II. Lisboa: Gradiva, 1995. p.231.

³¹ SARAIVA, António José. *Fernão Lopes*. Lisboa: Europa – América, s/d. p.13.

³² Idem, p. 15.

A Crónica do Condestabre

De forma geral, também é possível dividir a *Crónica do Condestabre* em 3 momentos, ainda que a divisão não tenha sido declarada por seu autor, como no *Victorial*: da linhagem de D. Nuno aos primeiros exercícios da cavalaria ainda no reinado de D. Fernando, quando se mostra a audácia do herói, mas a necessidade de voltar atrás, diante de decisões que ultrapassam seu status; um segundo momento, subsequente à morte do rei D. Fernando, quando Nun'Álvares atua de forma mais independente³³, ao lado do Mestre de Avis, depois rei D. João I, vence batalhas como Atoleiros, Aljubarrota e Valverde, e conserva essa independência, tendo mesmo vassallos a quem dota segundo seus critérios, e um terceiro momento em que o cronista narra um paulatino afastamento do cavaleiro da corte, a partir da reapropriação de benefícios que o monarca havia outorgado ao condestável³⁴. É um segmento em que o narrador está sempre a apontar que o condestável está *sentido*, em que toda a independência anterior é questionada por outros fidalgos, até a sua morte. É preciso deixar claro que não se trata de ruptura com Avis, longe disso, no capítulo 74, o cronista narra que D. João partilhara com o seu Condestável o cargo da justiça entre o Tejo e Odiana e Algarve, ora, a justiça é tarefa do rei na Idade Média (!), mas é nessa terceira etapa que o cronista precisa o sentido da transformação de um cavaleiro no santo, que seria realizada em 26 de abril de 2009.

A crônica anônima se abre com a menção à linhagem do condestável, a partir de D. Gonçalo Pereira, seu bisavô, e aos valores compartilhados pelos seus membros mais imediatos, mas que haveriam de encontrar em Nun'Álvares a sua particular e maior exaltação: aborda-se a nobreza, a honra, a grandeza, a destreza nas armas e largueza dos Pereira. Obviamente, interessa ao cronista valorizar a figura do pai, o Mestre da Ordem do Hospital D. Álvaro Gonçalves Pereira, que serviu a 3 reis e a quem deveria corresponder, ainda que Prior, uma dama virtuosa, Eirea Gonçalves do Carvalhal: boa e nobre mulher, que viveu em castidade, não comendo carne ou bebendo vinho, dando esmolas sobejas, *covilheira* da infanta

³³ Ora, o capítulo XVI é emblemático disso, quando o cronista afirma que Nun'Álvares percebia, em primeiro lugar, o reino deserto e sem defesa; que o Mestre de Avis, filho do rei Pedro, poderia defendê-lo e que uma nova situação haveria de ser propiciada a partir da morte do Conde Andeiro.

³⁴ CC, capítulo 63.

Beatriz, filha de D. Fernando³⁵. Sobre D. Álvaro e o filho, Fátima Regina Fernandes já lembrou em analogia:

Álvaro Gonçalves Pereira seria identificado na narrativa da Batalha do Salado como senhor da bandeira da Santa Cruz do Marmelar, símbolo da Ordem militar que representava e à qual dava rosto no reino português. Nuno Álvares, laico, apareceria igualmente identificado com uma bandeira própria, esquartelada com um brasão onde a Sagrada Família e os santos peninsulares representariam os costados do nobre legitimado. A sua fé, ainda que não institucionalizada numa ordem religiosa, seria assim, a fonte de legitimidade de suas ações guerreiras.³⁶

Os capítulos em que as maneiras pias e a destreza bélica do herói encontram lugar são uma necessidade compatível com o papel desempenhado por ele no contexto. Na crônica em que é protagonista, o rei de Portugal é coadjuvante, que, além de tudo, muitas vezes se indis põe com seu condestável, como quando promete o priorado do Hospital ao favorito deste, Lourenço Esteves de Góis, e depois volta atrás para tentar beneficiar Fernão d'Álvares³⁷. Nesta e em outras oportunidades, o rei será forçado a reconhecer a razão de Nun'Álvares. Se em Fernão Lopes, D. João I é a esperança consumada, o *Mexias de Lixboa*; no anônimo, essa referência não existe, existe a exortação aos "verdadeiros portugueses", mas só o cavaleiro é elevado, "Ooo que humano e caridosso señor!"³⁸, capaz de dar de comer a ingleses e castelhanos premidos pela fome, tirando mesmo de sua boca para os outros; moralizador de costumes nas hostes; protetor das filhas de vassalos rebeldes e humilde cristão que escolheu a vida religiosa, a simplicidade e mesmo a esmola, ainda que o rei D. Duarte não lhe tivesse deixado levar ao fim a tenção. Tudo isso (!) e o cronista francês Jean Froissart (1337-1405), que ouviu tanto castelhanos quanto portugueses para sua narrativa rica em detalhes, não sabe dele quando narra Aljubarrota, só capítulos depois.

³⁵ CC, capítulo 1.

³⁶ FERNANDES, Fátima Regina: "A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira" in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. I. p.425.

³⁷ CC, capítulo 73.

³⁸ CC, p.102.

O mote do anônimo não destoa da intenção de um tipo de texto como esse, “fazer memória das coisas que se faziam, boas ou más”. No caso, o texto tem por objetivo preservar do esquecimento a memória de um “virtuoso señor”³⁹, sua linhagem, criação etc. Depois da linhagem e do engendramento, o cronista traz Nun’Álvares à cena já com 13 anos em um momento em que tanto o rei de Castela quanto o de Portugal “comparecem” ao texto para cumprir o ensaio do herói⁴⁰ no campo das armas, assim se entroniza um cavaleiro, a crônica não foge ao ditame. Depois de testada a coragem, armado pela mão da rainha que ele haveria de preterir, o próximo passo do cronista é revelar como, aos quase 17 anos, o cavaleiro se transformou em um senhor⁴¹. O cronista manobra o tempo para priorizar eventos, em atenção a uma hierarquia de assuntos que celebra o herói. Logo depois do casamento, os eventos se sucedem: a morte do pai e a chamada dos irmãos, Pedro Álvares, o novo prior, e Nuno, para cumprirem seus papéis nas guerras fernandinas. No primeiro exercício, um grande senhor a combater, o Mestre de Santiago de Castela, mas nesse primeiro teste, ainda que D. Nuno já seja um senhor da vanguarda, deve respeitar o que o conselho de homens mais experimentados arbitra, mesmo *anojado*. Para o cronista, o que movia o cavaleiro era o desejo de servir o rei, ser conhecido e haver nome⁴²; em discurso direto, o herói ainda afirmaria as dívidas de sua linhagem para com a casa real, o desejo de fazer nojo ao Mestre de Santiago (batendo-se e vencendo o filho) e que se a morte se lhe abatesse, ela o teria honrado pelos serviços prestados ao rei. Também nesse primeiro exercício, é já possível ver o infante João de Castro ao lado de Castela. Sabemos que o embate contra o Mestre castelhano não aconteceria em razão de D. Fernando se lhe opor. Em discurso direto, o rei afirma que queria o cavaleiro “pera mais”⁴³. Ora, enquanto escreve, o cronista sabe a que mais seu herói chegaria e na boca do rei mimetiza um vaticínio. Resignifica outras vezes o passado ao elencar a sorte de todos aque-

³⁹ CC, antes do capítulo 1.

⁴⁰ “O priol por ensayr dom Nunalvarez seu filho”, capítulo 2.

⁴¹ Nos capítulos 3, 4 e 5, o cronista revela as circunstâncias do casamento de Nun’Álvares com D. Leonor d’Alvim.

⁴² CC, p.21.

⁴³ CC, p.25.

les que aparecem no texto para apoiar o herói⁴⁴ ou divisar-lhe lugar mais proeminente⁴⁵.

O cronista anônimo está “sempre interessado em comprovar a responsabilidade de Nun’Álvares nos sucessos que descreve”⁴⁶, como já afirmou Teresa Amado, e uma das evidências disso em minha leitura se mostra no discurso direto: quando o cavaleiro fala, esforça os homens fiéis ou rebeldes aos seus clamores; demanda um lugar na cena da guerra; escuta (também de maneira direta) recusas à sua audácia em situações em que o cenário poderia ter sido mais simpático à demanda dos portugueses; afronta os castelhanos; fala ao Mestre de Avis para manifestar-lhe seu apoio e sua entrega; convence a mãe da verdade da causa do Mestre; cobra dos que se aproximam de D. João uma adesão real; reclama de cidades o apoio à defesa da terra⁴⁷..., em todos esses casos e em outros mais, o futuro conhecido pelo cronista dá-lhe razão.

Outro elemento: ao contrário do que se dá na *Crônica de D. João I*, em que a batalha trava-se “entre exércitos, não entre indivíduos [,] No seu exíguo relato, a CC pouco se ocupa dos conjuntos de homens [nem cita a Ala dos Namorados!] e, para lá de uma referência ao rei, aplica-se a repetir o nome do Condestável mesmo quando o discurso não tem, a esse respeito, correspondência na história”⁴⁸. Sabemos que há contingentes, os homens aparecem, conhecemos seus nomes aqui e ali, mas sua ação é confundida em uma massa disforme em que se destaca o herói tão somente, ele é sujeito das ações: “mandou dar trombetas”, “se partiu com todos”, “mandou diante seus ginetes”⁴⁹, “fez logo deçeer a pee terra todollos seus homeês darmas”, “concertou suas batalhas de uenguarda e resguarda”, “fez cõçertar os beesteiros e homês de pee”⁵⁰ etc, no caso da Batalha de Atoleiros (1384), e foi o

⁴⁴ Um exemplo: Vasque Añs do Coto, CC, capítulo 12, primeira vitória efetiva de Nun’Álvares na cena da guerra.

⁴⁵ Caso do Alfageme de Santarém, CC, p.44.

⁴⁶ AMADO, Teresa. *Fernão Lopes...*, p.85.

⁴⁷ Digno de nota é seu discurso no capítulo 28. Aqui, também se afirma que Nun’Álvares é capaz de convencer via linguagem: “E estas pallauras e outras muytas e boñas lhes disse em tal guisa que os mudou de suas nom boñas tençoões”, CC, p.67.

⁴⁸ AMADO, Teresa. *Fernão Lopes...*, p.135.

⁴⁹ CC, p.68.

⁵⁰ CC, p.70.

primeiro em Santa Maria de Açumar a tirar o esterco dos cavalos dos castelhanos de dentro do templo⁵¹.

Outro exemplo da cena da batalha é a narração de Aljubarrota, em um único capítulo, o 51, menos que em Froissart... Nele, é possível ler de forma muito sintética eventos narrados por Fernão Lopes em mais de 15 capítulos... Ainda que tenha se utilizado do discurso direto em vários momentos, no capítulo em que narra a batalha, emprega quase exclusivamente o indireto. Apenas uma vez um único personagem fala, é Nun'Álvares exortando os homens: "A portugueses! Pel-lejar, filhos e senhores, por vosso rey e por vossa terra"⁵².

A voz do cronista anônimo reclama a tradição clássica da exploração da natureza humana a partir de uma vida exemplar⁵³, por isso desenha mais um panegírico que uma crônica, mas adiciona a essa tradição um retrato mais detalhado do homem do seu tempo, tal qual fizera Joinville com o seu São Luís⁵⁴. Assim lemos as agruras resultantes da doença que abateu o cavaleiro, em que se destaca o "realismo sóbrio e [os] pormenores psicológicos do herói"⁵⁵; a cena da mãe e da filha a tentar dar-lhe de comer no auge da crise, cortando a "jguaria de passaras assadas"⁵⁶; seus homens a lhe mentir por causa de um "villão gordo" que o irritou, para depois lhe contar a verdade, quando sua consciência retornou, e o choro do pai na morte do seu único amor mundano, a filha. Aliás, tal qual Pero Niño, que enterraria todos os filhos, o condestável chora como pai e cabeça de linhagem. Mas, o cronista não tem dúvida, escreve sobre o melhor cavaleiro de Portugal, alvo de invejas, até do Doutor João das Regras (!), novo Galaaz ou Parsifal, ícone da coragem nas situações mais adversas, o que inclui Atoleiros, Aljubarrota e Valverde, fidalgo de rebeldia perdoada..., um santo que desprezava sinais não interpretados por si como desígnios do Deus que segue⁵⁷ e em cujo túmulo já se apontam, no tempo do cronista, notícias de milagres⁵⁸. Todo o modo de narrar, a seleção e a

⁵¹ CC, p.73.

⁵² CC, p. 124.

⁵³ CADIOU, François, COULOMB, Clarisse, LEMONDE, Anne, SANTAMARIA, Yves. *Como se faz a história – historiografia, método e pesquisa*. Petrópolis (RJ) : Vozes, 2007. p.192.

⁵⁴ Idem, p.194.

⁵⁵ SARAIVA, LOPES, Op. Cit., p. 142.

⁵⁶ CC, p.170.

⁵⁷ Sua postura de oração antes de batalhas e de outras difíceis situações evoca Joana D'Arc, com quem o condestável acaba por ter vários traços em comum.

⁵⁸ Acrescentamento operado pelos Braganças, netos do Condestável?

ordenação dos acontecimentos, o manejo dos elementos da narrativa e o foco são orientados a evidenciar uma excepcionalidade, não eventos.

El Victorial Crónica de Don Pero Nino, conde de Buelna

No *Victorial* também se evoca um alto senhor, já que a causa material do texto é a cavalaria e a causa formal, o louvor dos feitos de um bom cavaleiro⁵⁹, mas o cronista entroniza seu protagonista de forma muito diversa da que faz o cronista anônimo da *Crónica do Condestabre*, pois antes de trazer Pero Nino à cena, evoca príncipes que foram os maiores no mundo: Salomão, Alexandre, Nabucodonosor, Júlio César, Rodrigo etc, fragmentos da Bíblia e “teoriza” sobre a cavalaria, imerso ainda na concepção ideológica trifuncional da sociedade. Aliás, três são também as ordens dos cavaleiros de Deus: os anjos, os mártires e reis e cavaleiros, que defendem a fé e os reinos⁶⁰ no mundo secular. Sem bons cavaleiros, os monarcas são homens sem pés e mãos⁶¹.

Cavaleiros são homens robustos e fortes, sem temor, esforçados, nobres e virtuosos, que cavalgam bons cavalos para o exercício da guerra⁶². Games compartilha com o autor da *Crónica do Condestabre* a idéia de que a excepcionalidade decide um evento, como quando afirma que “avnque muchos caualleros sean en vna hueste, acaeçe que por vn buen cavallero se bence vna batalla, o se gana vna çiudad”⁶³. E não só, a idéia de que muitos são os chamados e poucos são os escolhidos é o mote das duas crônicas. As trajetórias escritas de Nun’Álvares e Niño, cada uma a seu modo, com diferenças interessantes e muitos pontos de contato, se desenvolvem a partir da idéia de que ambos incorporaram um honrado ofício de forma singular, que sofreram e foram invejados, ora Games não esconde que o mal também poderia nascer no seio da cavalaria, vítima ela também da corrupção do orgulho e da inveja⁶⁴. O Conde de Buelna e o Condestável de Portugal jamais foram vencidos e mereceram de seus reis o reconhecimento outorgado.

⁵⁹ CPN, p.2.

⁶⁰ CPN, p.39.

⁶¹ CPN, p.41.

⁶² CPN, p.40-42.

⁶³ CPN, p.42.

⁶⁴ CPN, p.200.

O cronista ilumina a linhagem do cavaleiro Pero Niño ao revelar que, da parte do pai, provinha da Casa Real da França, do lado materno, de uma das maiores casas de Castela, a dos senhores de la Bega⁶⁵, e contextualiza a sua trajetória a partir da crise que tomou conta de Castela, depois da morte do rei Afonso XI. O avô de Pero Niño, Pero Fernandes Niño, foi fiel a Pedro I de Castela e depois da morte do Cruel jamais obedeceu a Henrique Trastâmara⁶⁶. Quando criança, Pero Niño teve seu futuro renunciado por um italiano que falou à sua mãe, D. Inês Lasa, que as armas fariam o filho subir a um grande estado, ou seja, que a cavalaria haveria de reputá-lo⁶⁷. Ora, novamente, Niño e Nun' Álvares têm seus destinos profetizados por indivíduos fora de seu círculo, ou seja, por indivíduos teoricamente não envolvidos no elogio à sua determinação, no caso do português, não é possível esquecer das palavras do Alfageme de Santarém.

A descrição de Gutierre Díez de Games evoca os heróis da Antiguidade, o seu protagonista é um novo Odisseu em uma narrativa para a qual o repertório antigo é uma referência importante. Também para o cronista anônimo, Nun' Álvares poderia encarnar esse papel, afinal, soube se aproveitar para a vitória portuguesa em Aljubarrota dos conselhos militares ingleses, mas, neste caso, o papel moral e santo sobrepuja no texto o dado de realidade do acontecimento.

A mãe de Pero Niño foi ama de Henrique III, um ano mais novo que o cavaleiro, e a menção dessa condição, que não seria compatível com o *status* da dama, é aludida na crônica para revelar a proximidade do cavaleiro e do rei, ora no medievo, ser bem sucedido é ter privança e, para o cronista, Niño sempre foi fiel ao monarca, ainda que as relações do período fossem extremamente labirínticas, como precisou Juan de Mata Carriazo⁶⁸. A narrativa abriga um universo muito amplo de eventos em que se destaca Pero Niño: aos quinze anos, demanda armas para defender o reino; no mesmo dia, prova ter sido merecedor da concessão; mata um javali a nado em pleno Guadalquivir⁶⁹, só faltou a cicatriz na coxa para lembrarmos de seu sogro, D. João de Castro; participa destacadamente de cercos e de batalhas e sabe amar. O cronista abre mesmo um capítulo só para dissertar sobre o

⁶⁵ CPN, p.47.

⁶⁶ CPN, p.61.

⁶⁷ CPN, "estudio preliminar", p.XLIX.

⁶⁸ CPN, "estudio preliminar", p.LI.

⁶⁹ Idem, capítulo XXIV.

amor⁷⁰, em tom que nada lembra um *Leal Conselheiro*, mais afeito à amizade que à paixão. Pero Nino é cortesão, pois sabe bem trajar-se de natural elegância⁷¹. Na verdade, o cronista constrói uma representação muito vivaz do seu herói em que inclui elementos externos e internos, ou como chama: virtudes exteriores e interiores; sabe bem distingui-los para oferecer um retrato harmonioso e completo do cavaleiro, sem prejuízo de qualquer dos aspectos.

No *Victorial*, amar não é se perder; pelo amor à mulher, os cavaleiros são melhores, “se traen más guarnidos, e hazen por su amor grandes prezas e cauallerrías, así en armas como en juegos, e se ponen a grandes abenturas, e búscanlas por su amor, e van en otros reynos con sus empresas dellas, buscando canpos e lides, loando ensalzando cada vno su amada e señora”⁷². O amor é pedagógico, esse sentido é uma herança positiva da tradição das novelas de cavalaria, como as de Chrétien de Troyes⁷³. Esses conteúdos também alimentam Nun’ Álvares Pereira, ainda que este preferisse ser Galaaz⁷⁴ a Yvain⁷⁵. É preciso lembrar que o Conde de Buelna segue ainda a condição imposta pelo amor cortês, na medida exata em que ama damas de alta condição: a primeira esposa, D. Constanza de Guevara; depois, em França, Madame de Sérifontaine e, por fim, a filha de João de Castro, a noiva de Espanha, D. Beatriz.

A narração dos amores de Niño e D. Beatriz são capítulos importantes para a compreensão de atitudes mentais a respeito do amor entre cavaleiros e damas nesse contexto outonal do medievo ibérico. Quais insumos Games aciona para dar sentido a uma história de ambição, conquista e desrespeito à autorização de um rei para o casamento entre nobres? O cronista não narra esses amores sem antes deixar claro que Niño não estava mais comprometido com a Madame de Sérifontaine (saberia ela que não?). O que se vê para além de uma trama em que um cavaleiro mira alto e arquitetava uma engenhosa rede que chega à dama e a convence a realizar um casamento aquém da sua estirpe? Games afirma que Niño toma conhecimento de uma opinião positiva a seu respeito emitida por D. Beatriz e a partir des-

⁷⁰ CPN, capítulo XXXIV. No capítulo, Games circunstancia três formas de amar: amor, dilección e querência.

⁷¹ CPN, “estudio preliminar”, p.XLIX.

⁷² CPN, p.90 e 91.

⁷³ Sobre o tema, há uma infinidade de textos, mas destaco da plêiade: FLORI, Jean. “Aliénor et l’amour courtois” in *Aliénor D’Aquitaine. La reine insoumise*. Paris: Payot, 2004.

⁷⁴ CC, p.9.

⁷⁵ De Chrétien de Troyes: *Le Chevalier au Lion*.

se momento inicia seu assédio, que passa pelo desejo que chega a ela, de que ele pudesse se chamar seu cavaleiro em todos os lugares onde se batesse⁷⁶ e por opiniões repetidas em sua casa de que ele era a flor dos cavaleiros em gentileza e cavalaria, repleto de virtudes, quantas o melhor poderia ter⁷⁷. Uma contrariedade: D. Beatriz também está informada da fama de amante de Niño... À resistência dela, ele projeta um plano ousado, de falar-lhe diretamente, em uma situação em que a dama saísse a cavalgar; também inclui em seu plano D. Fernando⁷⁸, filho natural de D. João de Castro.

Sabemos que Niño é bem sucedido em seu intento, casa secretamente e por um tempo razoável encontra a esposa de forma sigilosa; depois é preso, até conseguir a duras penas o perdão para a ousadia de tê-la... Os argumentos para a sua demanda provinham do serviço à monarquia e, a cada negativa, sobressai a afirmação de que o cavaleiro não casaria com nenhuma outra, que se o infante (D. Fernando de Antequera) lhe desse a mercê de casar com a dama, “él entendía que le fazia el más rico cavallero del mundo, e que ge lo sirbiría; e que si non lo fiçiese, que él querría más que le costase la cabeza”⁷⁹, no caso, Niño esteve perto de perder o blefe. Games inclui em seu relato belas páginas da linhagem malograda de Niño, em que sobressai mesmo a sua emoção ao narrar a morte de D. Juan El Niño de Portugal, cujo epitáfio lembra muitíssimo a fama do avô⁸⁰.

Games não se furta de incluir no *Victorial* outros exemplos desse exercício de exceção, a cavalaria, ou seja, ainda que nada ensombre o protagonismo de Niño, sua crônica reúne um conjunto de informações mais amplo que o da *Crónica do Condestabre*. Desde a dissertação sobre virtudes, passando pela descrição de feridas e cuidados médicos até procedimentos em batalhas, como afirma o autor, “según que es costunbre”⁸¹, o espírito das hostes, “leis” de guerra e a menção a outros cavaleiros em exercício, como Guillén Del Castel, que merece quase uma elegia do autor em que se trai a importância da reputação nessa sociedade: “razón es de fazer dél grand mençión em las ystorias de los nobles caballeros, quando a

⁷⁶ CPN, p.303.

⁷⁷ CPN, p.304.

⁷⁸ Possivelmente, trata-se de D. Fernando, senhor de Bragança, casado com D. Leonor Coutinho, já que D. Fernando de Eça fora filho legítimo, do casamento malfadado de D. João de Castro com D. Maria Teles.

⁷⁹ CPN, p.307.

⁸⁰ “Don Juan El Niño de Potogal, que mejor que El non avía em la naçión de España” – CPN, p.348.

⁸¹ CPN, p.197.

caso binieren”⁸², o destino de cavaleiros aposentados e ainda como são as justas em reinos como França e Inglaterra. Em seu texto, é possível mesmo apreciar o cotidiano das mulheres nobres, suas atividades e divertimentos, como no “Petit Trianon”⁸³ de Madame de Sérifontaine.

Interessa observar que o adubamento de Pero Niño se fez tarde, já senhor e depois de provado no mar e em missão na França, como galardão do rei Henrique III: “Pero Niño, yo quiero que vos seades caballero luego agora”⁸⁴. Na resposta de Niño a orgulhosa afirmação daquele que já era cavaleiro pelas armas e reputação, mas que desejava receber a honra da cavalaria em sua própria Casa, em nota de particularismo também presente nas crônicas portuguesas da época: “Señor, yo pudiera ser cavallero en otros lugares e plazas en que me yo he acaçido (...); mas, señor, siempre fué mi voluntad de resçibir esta horden de caballería de vuestre mano, em la vuestra casa, por quanto yo soy fechura vuestra”⁸⁵. Neste caso e em outros ainda, Niño será vítima da vida que colheria seus principais benfeitores antes da chegada efetiva das maiores graças...

Pero Niño foi um cavaleiro do mar, capitão de frota, que combateu corsários e infiéis. Nos momentos em que o cavaleiro atua fora do reino, o cronista também dá a conhecer a sua interpretação de eventos além da Ibéria, neles inclui julgamentos, como os de natureza pejorativa sobre os ingleses⁸⁶; empreendimentos castelhanos na costa berbere, na Inglaterra e França, o regresso do cavaleiro e atividades em Castela. O cronista o põe no campo de batalha e não se vê Pero Niño lembrar-se de orações nos momentos mais aguerridos, como um Nun’Álvares; vemo-lo armado até os dentes, dando e aguentando pesados golpes, oferecendo-se à morte, sem temor, novamente Odisseu na volta para casa, a levar ao Hades os pretendentes que lhe cobiçam a mulher e os tesouros. Ora, suas proezas bem merecem o relato que mandou fazer, que seria destinado à condessa D. Beatriz e, depois de sua morte, à arca do tesouro da igreja da sua vila de Cigales, segundo o primeiro testamento.

⁸² CPN, p. 195.

⁸³ CPN, “Estudio preliminar”, p. LXVII.

⁸⁴ CPN, p.289.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ CPN, p.182.

Antes do fim: D. João de Castro, o novo Heitor

A trajetória de Pero Niño se entrelaça à continuidade da linhagem do infante D. João de Castro em Castela, em virtude da paixão e casamento entre o cavaleiro castelhano e uma das netas de Inês de Castro. Mas a aproximação não pára aí, Pero Niño e João de Castro se assemelham do ponto de vista da representação que crônicas diferentes em estilo e propósitos se lhes dão e, com isso, o cotejamento revela o possível, o desejado e o realizado pela cavalaria do outono da Idade Média.

O infante D. João de Castro, filho do rei Pedro I de Portugal (reinado:1357-1367) é o protagonista de uma trama cheia de paixão, urdida pela rainha Leonor Teles, na *Crônica de D. Fernando*. O infante era formoso, amigo de fidalgos, grande cavaleiro e muito amigo do Mestre de Avis, com quem vivia os ordenamentos e jogos da vida cortesã. Boa parte desses traços compõem também o retrato de Pero Niño, menos os de Nun'Álvares. O fato é que, mesmo tendo escrito sobre um viés que não favorece o infante João de Castro, Fernão Lopes não esconde como ele se destacava ou os seus préstimos para com o Mestre de Avis, pois mesmo doente o infante era capaz de participar de empreendimentos que envolviam os interesses do irmão.

A fama do infante varria toda a Ibéria, pois além de tudo – “elle foi homem de toda a Espanha, que melhor e mais aposto desenvolvevia hum cavallo; e guisa suas manhas maas, nem bravesa lhe prestar podia, que o nom amanssasse”⁸⁷. Ora, no *Livro da Montaria*, o já rei D. João I possivelmente convoca a lembrança de grandes aventuras no monte vividas com o irmão homônimo. Em tudo, o infante representa o perfil de cavaleiro que nos remete às virtudes dos heróis da literatura cavaleiresca que, na época, “começa a tornar-se, de efectiva exortação ao comportamento heróico, em literatura de evasão”, como observara José Mattoso⁸⁸, mais um indicativo do quanto “motivos heróicos e desinteressados das novelas de cavalaria [tornaram-se] mais conhecidos e assimilados [ainda que] as condições económicas da época [dificultassem] a sua realização prática”⁸⁹. No artil impetrado por Gil Fernandes, por exemplo, de fazer um tio seu passar-se por D. João de Cas-

⁸⁷ LOPES, Fernão. *Crônica de D. Fernando*. Porto: Livraria Civilização, s/d. p.266

⁸⁸ MATTOSO, José. “Cavaleiros andantes: a ficção e a realidade” in *A Nobreza medieval portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p.369.

⁸⁹ Idem.

tro, vemos que o nome deste era sinônimo de tal respeito que os castelhanos não ousaram fazer frente ao “ator” que representava o papel do infante⁹⁰.

As aventuras de caça, a paixão por cães, a luta contra um urso, a sua extraordinária cicatriz na coxa e outras histórias protagonizadas pelo infante que “seriam longas de contar”, segundo Fernão Lopes, expõem simbolicamente um rito “tão bem adaptado à ordenação e à reprodução contínua de sua posição e de seu papel na sociedade”⁹¹. A prática da caça na qual D. João se destacava é um “grande ritual de dominação da aristocracia laica. Contribuindo muito para polarizar o espaço, marcando nele o lugar e a significação da sexualidade, depois incorporando certos traços essenciais da ideologia cavaleiresca”⁹². É bastante interessante perceber como esse jogo que demarca espaços é bem representado por Fernão Lopes, na medida em que, de forma contígua, registra o sucesso do infante, destacado nos momentos do exercício dessa prática social, e a sua ruína, de natureza lúbrica e relacionada também a seu estilo de vida. Gutierre Games pouco se detém na evocação da memória do sogro de Pero Niño, mas os traços que os aproximam não são isolados, embora o cronista do Conde de Buelna consiga de forma mais eficaz, pois é esse o seu propósito (e o destino do protagonista ajudaria), harmonizar amor e guerra, como nenhuma crônica do infante jamais nos contaria⁹³...

No *Livro da Enseñança de cavalgar toda a sela* do rei D. Duarte (reinado: 1433-1438), lemos a convicção de que é preciso saber manter o estado na sela e na vida. Apesar de ser grande “amansador” de cavalos, D. João de Castro não transferiu a habilidade para um controle sobre si próprio, segundo Fernão Lopes, suas atitudes não foram comandadas pelo entendimento, como diria D. Duarte. Na verdade, toda a sua ação é comandada pelo desejo – sensual, que o impulsiona a uma direção, e de honra e proveito, que o impulsiona à outra. Assim, quando aborda os amores de D. João e Maria Teles, o cronista traz o amor à crônica, não a amizade que os príncipes de Avis preferiam, mas uma trama perfumada por Eros. Neste trecho o cronista confronta versões para esclarecer a natureza do envolvimento do

⁹⁰ LOPES, Fernão. *Crônica de D. Fernando*. Porto: Livraria Civilização, s/d. Capítulo XXXVII.

⁹¹ LE GOFF, J., SCHMITT, J.C. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2006. V. I, p.145.

⁹² Idem.

⁹³ Sobre isso, conferir: GUIMARÃES, Marcella Lopes. “D. João de Castro (1352-1397): herói de uma crônica perdida”. In: VII EIEM (Encontro Internacional de Estudos Medievais), 2009, Fortaleza. VII EIEM - Encontro Internacional de Estudos Medievais. Fortaleza : Preminus Editora, 2007. v. 1. p. 496-501.

infante com a irmã da rainha, o nascimento da paixão, os ardis para comunicá-la e pinta um quadro detalhado de sedução e arrebatamento, cujos elementos não são estranhos ao *Victorial*, mas à *Crónica do Condestabre*. Todos sabemos como essa história de paixão terminaria: com o assassinato de Maria Teles, exílio e prisão de João de Castro em Castela, onde se casaria com a infanta Constança e seria pai da futura Condessa de Buelna.

Considerações finais

Fernão Lopes, o cronista anônimo da *Crónica do Condestabre* e Gutierre Díez Games escreveram na primeira metade do século XV. Entre o nascimento de D. João de Castro, o mais velho protagonista evocado aqui e a morte do mais longo cavaleiro dentre os citados, o Conde de Buelna Pero Niño, um intervalo de 100 anos de fortes abalos no mundo desses personagens, narrados por homens que conviveram com alguns deles ou escutaram de próximos a narração de suas vidas. Homens que conheciam o ofício que destacava seus personagens e que escreveram, no caso das duas crônicas biográficas, sob os auspícios de suas casas.

A prosa dos príncipes de Avis, a obra de Fernão Lopes e a *Crónica do Condestabre* revelam posturas, motivações e valores que se enriquecem quando as fontes portuguesas são confrontadas ao *Victorial*, elas juntas não definem o que foi a cavalaria no fim da Idade Média na Península Ibérica, mas manifestam indícios aprovados por aquelas sociedades para reputar os cavaleiros, em tempos de transformação da guerra. Em todas, a cavalaria jamais se despediria daquilo que a definiu em qualquer recorte do medievo, ou seja, o exercício das armas, mas cada uma a seu modo revela elementos de um ofício que não se viu abatido no outono da Idade Média, como afirmou Jean Flori: “no fim da Idade Média, apesar do interesse novo que se tem pelas tropas de infantaria, pelos besteiros genoveses e pelos arqueiros gauleses armados com o grande arco, é fácil observar que nenhuma grande batalha foi vencida sem a contribuição notável da cavalaria. Sua função militar e mais ainda seu prestígio ideológico estão intactos e até reforçados”⁹⁴. As crônicas biográficas referidas aqui bem como a crônica régia de Fernão Lopes ofereceram às sociedades que iniciavam a aventura atlântica a instrução militar que, como já percebeu João Gouveia Monteiro, reunia experiência acumulada de gera-

⁹⁴ FLORI, Jean. *A Cavalaria. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. p. 108.

ções e ajudava a encorajar os combatentes⁹⁵ e por que não os nautas? Pero Niño foi capitão e do ano de sua morte, marco tradicional do fim da Idade Média, ao Brasil, parcos 50 anos...

Em todas essas crônicas, a importância da linhagem; a confirmação da excepcionalidade de indivíduos marcados desde muito cedo em suas vidas: coragem e destreza; sobressaídos de uma multidão sequiosa por damas de alta estirpe: o condestável e o capitão Pero Niño foram primeiro casados com viúvas muito ricas e o infante João de Castro matou a paixão em nome de um sonho de monarca, no casamento malgrado com a sobrinha; nenhum foi elogiado pelas letras, porque o bem falar de Pero Niño, por exemplo, não significou que ele dominasse conteúdos livrescos, como reconheceu seu autor, nenhum deles foi um Juan Manuel...; todos homens da vanguarda de seus reis, mesmo João de Castro o foi, ao lado do infeliz rei castelhano D. Juan e todos formosos, pois ainda que menos saibamos sobre Nun'Álvares, quando comparado ao filho de Inês de Castro ou Pero Niño, podemos entrever seu bom aspecto. Além disso, no caso do condestável e do Conde de Buelna, o elogio à humildade e metáforas que ligavam o seu ofício a um apostolado secularizado, ligado aos seus reinos de origem especificamente: Nun'Álvares fez parte do evangelho português e Pero Niño foi um dos doze cavaleiros feitos em memória dos doze apóstolos em Castela, no caso, Paulo⁹⁶.

A trajetória de D. João de Castro, detratado afinal, nem Fernão Lopes, nem o cronista castelhano Pero Lopez de Ayala poderiam ser simpáticos aos seus direitos, é conhecida a partir de crônicas das quais ele é coadjuvante, mas que não podem esconder seus valores: exímio cavaleiro, homem da montaria, que sabia como ninguém lidar com cavalos, a definição primordial de cavaleiro para Games passa pelo homem que monta, foi além de tudo corajoso, leal, ambicioso e amante. Sua trajetória não pode ser narrada com o mesmo tom que as de Pero Niño e Nun'Álvares, centrais em crônicas biográficas. Ora, esses dois tiveram em comum um traçado narrativo próprio das suas vidas. Vida de cavaleiros que, no caso do castelhano, sabia se bater e amar, ou no caso português, que seguiu a inspiração literária de Galaaz, cavaleiro puro que alcançou o Graal. A canonização dos nossos tempos é mais um capítulo para a composição e compreensão dessa cavalaria tar-

⁹⁵ MONTEIRO, João Gouveia. "A cultura militar da nobreza na primeira metade de quatrocentos: fontes e modelos literários" in *Revista de História das Idéias*, vol. 19. Coimbra: Faculdade de Letras, 1997/98. P.195.

⁹⁶ CPN, p.329.

do-medieval, com que cada um contribuiu para definir e motivar os projetos da modernidade com multiformes contornos.

No caminho da transformação da crônica medieval ibérica, de um plano universal que unia as casas principescas a uma tradição que provinha da criação e unia a *Hispania*, até a particularização dos reinos, escrita por Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala, por exemplo, as grandes casas ibéricas oportunizaram em outra escala a escrita da sua gesta, os gestos da cavalaria que sustentou os reis em seus tormentos. O que Gutierre Díez Games e o cronista anônimo de fato legam, e é preciso lembrar que a crônica é um texto que reporta o passado para educar o presente e o futuro, são *imitações* no sentido que escaparia ao Renascimento⁹⁷, ou seja, são imagens do que foi e também do que desejariam que fosse, não para mentir ou falsear. É preciso lembrar que mesmo a ficção é elemento que serve à verdade no medievo e que, quando o cronista se reporta em discurso direto às falas dos personagens, imitando-lhes, não quer mentir, mas definir o possível naquele contexto. Assim, santo ou amante, o cavaleiro tardo-medieval ibérico, pintado em sangue que sustenta os reinos, ainda suporta com uma multiplicidade de elementos a sua razão principal, o exercício das armas. Em Portugal, menos apreço (declarado...) pela paixão, ainda que ela se revele no texto, com sua beleza e tragédia; em Castela, “menos” pudor para assumir que o amor era uma guerra e a guerra era um amor, todos legaram aos homens que fariam a aventura atlântica não um *requiem*, mas modelos de coragem capazes de se adaptar a novas realidades.

⁹⁷ Sobre isso, reporto-me ao excelente *Mímesis e a reflexão contemporânea*, organizado por Luiz da Costa Lima (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010).